

Depois, é fonte ao mar, qual poema divino!...  
Alma, a história do charco é a história do destino  
28 Que nos arrasta, além para além das estrelas...



CORNÉLIO PIRES \*



1  
VELHO JOÃO

Velho João, agonizas triste e pobre,  
Sem que o mundo, sequer, a mão te estenda;  
Ninguém te oferta um caldo por merenda,  
Nem um trapo de pano que lhe sobre...

Ah! ninguém te agradece ao peito nobre  
O cansaço na roça e na moenda;  
Morres, lembrando as pompas da fazenda,  
No sebos molambo que te encobre.

28. Para que possamos apreciar o gosto do poeta para as rimas raras e os versos alexandrinos, vamos transcrever-lhe apenas duas estâncias do poema "A Lagoa" (*apud Pan.*, V, págs. 55-56):

"Tramas de ouro de sol, quase apagada frágua  
Veste a lagoa. Um mundo azoinante de insetos  
Zune e zumbe, cruzando-a. Os caniços inquietos  
Vão e vêm, alongando esguias sombras na água.

O silêncio, magoando o ar sonolento e morno,  
Espalha em tudo o alor das cousas fugidias;  
A vez e vez, rompendo-o, asas passam, tardias.  
Esmaece, agoniza a paisagem de em torno."

Observe-se, ainda, que o esquema rimático é idêntico no soneto de hoje e no famoso poema de suas *Poesias*.

(\*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» — recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jor-

Percebes, pelos vãos da própria furna,  
Flores aos borbotões, na paz noturna,  
E abandonas o corpo, a fim devê-las...

Fitas, em prece, a noite calma e santa  
E sobes, velho João, como quem canta  
<sup>14</sup> Nos milhares do Céu, plantando estrelas!

2

MÃE BALBINA

Espancaram-te o rosto, Mãe Balbina.  
Velha, furtaste um pão jogado ao solo,  
Ama de tanta boca pequenina  
Que afagavas, cantando, no teu colo.

Ninguém te viu, anêmica e fanzina,  
<sup>20</sup> Com o filho da patroa a tiracolo,  
E a dor de mãe solteira,inda menina,  
No suor da coivara e do monjolo.

nais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em **O Malho**, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» — di-lo Joffre Martins Veiga — «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 — S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Janeiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA: *Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d'Outro Mundo; Onde estás, ó morte?*; etc.

14. Excelente imagem: "Velho João, como quem canta nos milhares do céu, plantando estrelas."

20. Leia-se *com o*, numa silaba. CP, com frequência, servia-se da eclipse. Cf. "O Enterro" (ap. J. M. Veiga, *Antol. Caipira*, pág. 139) 11º verso: "e *com ele* se foi a doce paz da roça.;" "À Quelque Chose", 11º verso: "*com o dia* de amanhã que é sempre o mesmo" (apud *Op. cit.*, pág. 111).

Roubaste um pão apenas, Mãe querida,  
Tu que foste roubada em toda a vida  
<sup>25</sup> Por tantos filhos que te abandonaram!...

Mas Deus guarda-te, além, por luz e enfeite,  
O tesouro de sangue, pranto e leite  
Das pérolas de amor que te furtaram!

3

MARIA DOIDA

"Doida! Maria Doida!" A meninada  
Persegue a pobre louca em longas filas.  
Cerrando as mãos nervosas e intranquillas,  
Maria corre em fúria desgrenhada.

Ah! minha irmã, que em sombra te aniquilas;  
Desditosa, sózinha, desprezada,  
Bebes, com sede e fome, na calçada,  
O pranto que te verte das pupilas!...

Mas, à noite, Maria, enquanto dormes,  
Revés, de novo, as árvores enormes  
Do teu solar de luxo noutras eras...

E agradece, na palha seca e fria,  
A rude provação de cada dia,  
Como preço do júbilo que esperas!

4

NHÁ CHICA

Dos olhos de Nhá Chica o pranto rola...  
Não mais levanta a voz e o rosto ossudo.  
Oitenta anos vivera... E, ao fim de tudo,  
A palhoça vazia, o pão de esmola...

25. Cf. nota nº 61, pág. 287, a respeito do metro.

A professora anciã relembra a escola...  
Pensa ver, entre o catre e o chão desnudo,  
49 A mesa, o livro, a lousa, o giz do estudo  
50 E os meninos rixando junto à bola.

51 Pobre Nhá Chica em lágrimas banhada  
Morre, esquecida e só, assim sem nada,  
Na tristura das últimas lembranças...

54 Mas acorda em florida caravela  
Num mar azul... E vê-se, moça e bela,  
Carregada nos braços das crianças!...

5

### HISTÓRIA DE DONA AMÉLIA

Conheci Dona Amélia na fazenda  
— Dona Amélia Maria Liberata —,  
Linda e rica mulher, mas rude e ingrata,  
Sempre altiva, no estrado de ouro e renda.

Deixava o pão mofando preso à lata  
E gritava: "ninguém me desatenda".  
Procurava conflitos de encomenda  
Para surzir os servos na chibata...

Mais tarde veio a morte... A nobre dama  
Padecia o remorso como a chama  
Quando o fogo se apega à carne nua.

49. Atente-se na enumeração.

50. As rimas em "ola" e "olo" eram muito usadas pelo artista de *Musa Caipira*. Cf. "Casa Rústica" (*Op. cit.*, pág. 97), 1º terceto; "O Sol e o Caboclo" (*id.*, pág. 99), última estrofe; "Desencanto" (*id.*, pág. 113), em todas as quadras; "Peripécias de Viagem" (*id.*, pág. 117), último terceto.

51-54. Observem-se os "enjambements".

O tempo voa... E agora, reencarnada,  
Vejo-a sózinha, triste e abandonada,  
Esmolando socorro em cada rua.

6

### SINHÁ TEODORA

Ah! minha outra mãe, Sinhá Teodora,  
Ninguém te enxuga as lágrimas do rosto,  
Mas prossegues gemendo a contragosto,  
Arrimada à muleta que te escora...

Sofreste, sorridente, vida afora;  
Cantarolavas, tonta de desgosto...  
Para onde te encaminhas, ao sol-posto,  
A tropeçar, cansada e triste, agora?

Que demandas com tantas agoniais?  
Ergues ao céu as mãos magras e frias...  
Há luz que se derrama de alta esfera...

Choras... No entanto, a paz do firmamento  
Diz-me que vais, assim, coxeando ao vento,  
Para os braços do Cristo que te espera.

7

### "TI" PEDRO

O mendigo que chora, treme e passa  
Fôra cultivador de terra alheia.  
Em dado instante, hesita, cambaleia...  
Há quem o julgue cheio de cachaça.

"Ti" Pedro cai e é preso em plena praça  
E, morrendo, nas lajes da cadeia,  
Revê toda a fortuna a que se enleia:  
Cinco tostões num trapo de alcobaça.

De Espírito liberto, estrada afora,  
Ouve música ao longe... E' quase aurora...  
"Ti" Pedro sobe leve como o vento;

- E crê que o próprio Deus lhe acalma as dores,  
Nas estrelas que pendem como flores  
98 No pau d'arco de luz do firmamento.

8

O D. JUAN

E assim viveu Cantídio Maldonado,  
Deitando anedotário e latinório,  
Bela figura, qual D. Juan Tenório,  
Lampeiro, bonitão e remoçado.

- Aqui e ali, promessas de noivado,  
Meninas lastimando amor inglório,  
Lares desfeitos, casos de cartório  
106 E crimes, vários crimes de contado.

Contudo, a morte veio... O pobre amigo  
Acumulava em lágrimas consigo  
Dor e remorso em trágico binômio...

Corre o tempo... Hoje encontro Maldonado,  
Andrajoso, esquecido e reencarnado,  
A rir e soluçar num manicômio.

98. Cf. a nota 14 deste capítulo.

Digna de observação é a constante repetição das expressões "Nhá", "Sinhá" e outras que tais, tanto na poesia de além-túmulo quanto na que ficou esparsa em seus livros.

"Vai-se levar à vila o corpo de Nhá Cota,  
balouçando na rede a uma vara amarrada..." —

eis os dois primeiros versos do soneto "O Enterro", que, misturado aos de "Nhá Chica", "Sinhá Teodora" ou qualquer outro soneto com que agora comparece o poeta, dificilmente distinguiríamos dos demais.

106. Mesarquia: "E crimes, vários crimes de contado." — Cf. nota nº 7, página 42.

POSFÁCIO

Não poderíamos encerrar esta **Antologia** sem que traçássemos, a largas pinceladas, pelo menos, um escorço biobibliográfico dos medianeiros da presente obra.

Assim sendo, alinhamos, em seguida, breves notas biobibliográficas dos prezados companheiros Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.